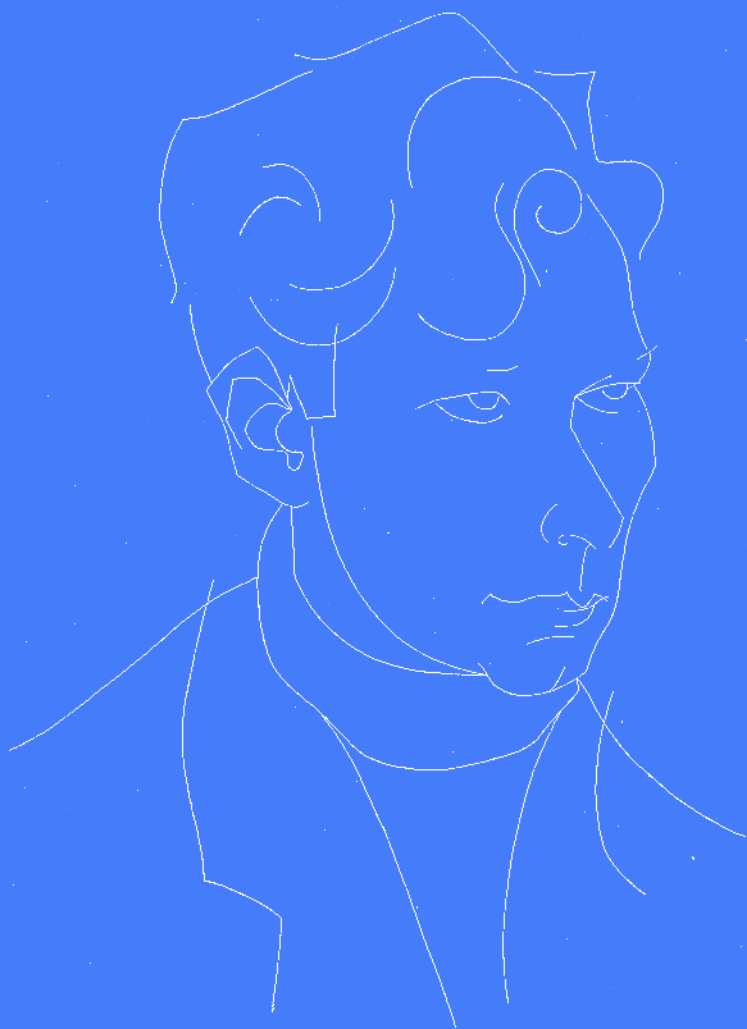


ERA UM DIA QUE DAVA PARA O MAR
CONVERSAS NA CALÇADA DE SERRÚBIA
20 SET — 20 DEZ 2025

BIBLIOTECA POÉTICA
EUGÉNIO DE ANDRADE



Fomar 31

A CASA QUE É UM POEMA PARA DAR A UM AMIGO



No princípio era a casa – a casa de Eugénio. E se “há casas que são um poema para dar a um amigo”, esta é uma delas. A moradia da Foz onde o poeta passou os seus últimos dez anos de vida sofreu uma intervenção de restauro, conservando a arquitetura original e algum do mobiliário. Foram preservados o espírito do lugar e alguma memorabilia do autor, ajudando a perpetuar o legado de Eugénio.

Assim nasceu a Biblioteca Poética Eugénio de Andrade, um espaço de convívio com os livros e, em especial, com a poesia – essas “sílabas acesas” que deixam o leitor “cego de tanta claridade.” Tão singular biblioteca é a melhor homenagem que o Porto pode prestar a Eugénio, passados que estão mais de cem anos desde o seu nascimento. Uma homenagem viva e dinâmica, uma vez que a biblioteca vai desenvolver uma programação cultural regular, a partir da memória pessoal e literária do poeta.

Dessa ideia de iluminar a biblioteca com poesia emergiram as sessões sugestivamente intituladas *Era um dia que dava para o mar*. *Conversas na Calçada de Serrúbia*, organizadas por Luís Miguel Queirós. Este jornalista e homem de letras é, aliás, um dos grandes fautores do projeto, ao ter cedido, em regime de comodato, a sua biblioteca pessoal. Fica já registado o agradecimento do Município a Luís Miguel Queirós, bem como às restantes pessoas e instituições que tornaram possível a Biblioteca Poética Eugénio de Andrade.

Na casa do Passeio Alegre onde Eugénio aprendeu a amar as palmeiras vão estar disponíveis ao público milhares de volumes, maioritariamente de poesia. Nessa espécie de paraíso que é uma biblioteca, como disse Jorge Luis Borges, a comunhão com os livros evoca a vida e obra de um poeta cimeiro da literatura portuguesa. De um poeta que, ademais, tinha com o Porto uma relação profunda, da qual resultaram alguns dos textos e poemas que melhor traduzem a cidade “cujo espírito exasperado e viril faz do granito escuro das suas pedras espelho da própria alma.”

Não faltam, pois, boas razões para visitar a Biblioteca Poética Eugénio de Andrade – um projeto que consubstancia o compromisso do

Município não só com a memória de um dos grandes escritores da cidade, mas também com a promoção do livro e da leitura. É importante aproximar os livros das pessoas, criando pequenas bibliotecas em locais emblemáticos da cidade, como é o caso.

Nem o saber babélico da internet, nem a onisciência da inteligência artificial, nem a infalibilidade dos algoritmos tornaram obsoletas as bibliotecas. A urgência do conhecimento ou o simples prazer da leitura fazem das bibliotecas locais indispensáveis de encontro, de descoberta, de inquietude ou mesmo de confrontação. Um livro conduz-nos inevitavelmente a muitos outros livros, numa busca incessante pelas veredas do conhecimento que as bibliotecas abrem e nos deixam percorrer.

Rui Moreira
Presidente da Câmara Municipal do Porto



Lagoa Henriques
S/título, 1968
[Possível retrato de Eugénio de Andrade]
Carvão sobre papel, papel queimado
Coleção Casa Eugénio de Andrade
Museu do Porto

Na segunda metade dos anos 90, a casa do Passeio Alegre onde Eugénio de Andrade viveu, e que foi também sede da entretanto extinta fundação a que deu nome, acolheu praticamente todos os nomes relevantes da poesia portuguesa desse tempo. Os memoráveis *Encontros com Poetas* então organizados por Arnaldo Saraiva, aos quais o próprio Eugénio servia de anfitrião, deram à poesia um inédito lugar de destaque na oferta cultural do Porto e fizeram deste edifício que é hoje a Biblioteca Poética Eugénio de Andrade um ponto de encontro de poetas e leitores.

E é isso mesmo que a casa, agora dotada de duas luminosas salas de leitura com vista para o mar, quer continuar a ser nesta sua nova vida como biblioteca de poesia, não apenas disponibilizando um acervo bibliográfico especializado, com um foco particular na lírica portuguesa contemporânea, mas também voltando a oferecer uma programação cultural regular.

Pensado para estes últimos meses de 2025, o programa que desenhei para este novo equipamento terá um ritmo mensal e irá naturalmente centrar-se na poesia, mas procurando percorrer diferentes formatos, da conversa ou da conferência a uma sessão que reunirá, mesmo antes do Natal, quatro poetas de hoje, que nos darão a conhecer outros quatro nomes da sua geração.

Inspirado na localização privilegiada da casa, e tomando de empréstimo um verso de Eugénio, escolhi para título geral destas sessões *Era um dia que dava para o mar. Conversas na Calçada de Serrúbia*.

A primeira conversa terá lugar já no próximo dia 20 de setembro, com a presença de Daniel Jonas, que muitos consideram o mais dotado poeta da sua geração. A pretexto do lançamento de um novo livro de poemas, na Assírio & Alvim, Daniel Jonas irá dialogar com António Guerreiro, editor da revista *Electra* e colunista do *Público*, um crítico cultural com um apaixonado e persistente interesse pela poesia.

Em outubro, no dia 18, o ensaísta António M. Feijó, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Professor Emérito da Universida-

de de Lisboa, tradutor de Shakespeare e autor de influentes estudos sobre Fernando Pessoa, virá propor novas leituras de alguns poemas de Alberto Caeiro, mostrando que se estes “parecem consistir em afirmações simples, monotonamente repetidas, contêm, todavia, contradições desconcertantes que ganham em ser analisadas”. É o que fará.

A 8 de novembro, a Biblioteca propõe um passeio campestre que promete não ser nada bucólico. O poeta e ensaísta Rui Lage falará da sua recente antologia *Adeus, Campos Felizes* (Assírio & Alvim), que sinaliza a presença do mundo rural na poesia portuguesa desde o século XIII até ao presente, ao mesmo tempo que, num longo posfácio, acusa os poetas portugueses de nos terem andado a vender um campo idealizado que nunca existiu. O seu parceiro de conversa será o geógrafo Álvaro Domingues, que há muito vem desmontando as ideias feitas sobre o meio rural em livros como *Vida no Campo*, *Volta a Portugal* ou *País Possível*, este último em coautoria com o próprio Rui Lage e o fotógrafo Duarte Belo.

Na última sessão do ano, a 20 de dezembro, Andreia C. Faria, Elisabete Marques, Hugo Miguel Santos e Marcos Foz vão apresentar outros quatro poetas de agora, dos quais serão também lidos alguns textos. A presença destes quatro oradores será ainda uma forma de dar a conhecer o elenco ao qual a Biblioteca Poética Eugénio de Andrade propôs a construção coletiva de uma antologia da nova geração de poetas portugueses.

A decisão de lançar este projeto, que terá na Biblioteca o seu quartel-general, resultou da convicção de que esta antologia virá suprir uma lacuna que já há muito se fazia sentir, uma vez que a extrema diversidade de propostas estéticas que caracteriza a poesia atual, a par das tiragens reduzidas dos livros e de uma distribuição muitas vezes restrita, torna difícil, mesmo ao leitor mais interessado, saber que nomes deve procurar e ler.

E se ao longo da segunda metade do século XX, e apesar das polémicas por vezes intensas entre movimentos ou grupos, foi sempre existindo um considerável consenso crítico na identificação dos poetas mais significativos,

apontar os nomes mais fortes da poesia portuguesa do século XXI – que para já não parece ter dado origem a grupos com afinidades estilísticas reconhecíveis –, é uma tarefa ariscada e que está, em boa medida, por fazer.

Existem, claro, algumas propostas antológicas, quer em livro, quer na forma de dossiê em revistas literárias, mas por norma de pequena dimensão e sem pretensões panorâmicas. Continua a faltar uma antologia que possa desencadear um debate participado e produtivo e, por essa via, constituir-se como referência.

Seguindo uma longa e proveitosa tradição de confiar aos poetas o trabalho de destacar o trigo na colheita lírica do seu próprio tempo, convidamos os quatro autores já citados atrás, que vêm seguindo caminhos muito diferentes uns dos outros enquanto poetas, mas que têm em comum um conhecimento exaustivo da poesia mais recente.

Se tudo correr como previsto, esperamos que esta antologia possa estar concluída a tempo de ser lançada na Feira do Livro do Porto do próximo ano.

Luís Miguel Queirós

LI DE MIHAILO

Li de Mihailo, o monge,
de quem se diz
nunca ter visto em sua vida secular
uma mulher.
Como no céu não há genitais, diz-se,
deverá poupar a eternidade
Mihailo, o monge, ao belo
seco. Longe da vista,
longe da oração,
Mihailo, o deveras monge.

Daniel Jonas
Inédito

SÁB 20 SET, 18H A IDADE DA PERDA

Com Daniel Jonas e António Guerreiro

A pretexto do lançamento do seu novo livro, *A Idade da Perda* (Assírio & Alvim), o poeta, dramaturgo e tradutor Daniel Jonas dialoga com o ensaísta e crítico literário António Guerreiro, que há muito vem mostrando interesse por esta obra singularíssima no panorama da poesia portuguesa atual. O invulgar virtuosismo de Jonas, também evidente nas suas traduções ciclópicas, como as de Milton ou Chaucer, é fácil de reconhecer. Mais difícil é encontrar a fórmula que consiga capturar esta poesia em permanente mudança de registos e processos formais.

Daniel Jonas nasceu no Porto, em 1973. Doutorou-se em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa e lecionou nos ensinos básico e universitário. Na sua já extensa obra poética, a que acabou de somar dois novos livros – *A Idade da Perda* (Assírio & Alvim) e *A Justa Desproporção* (Companhia das Letras) –, são muitos os títulos galardoados, de *Sonótono* (Cotovia, 2007), que recebeu o Prémio PEN Clube Português de Poesia, a *Nó* (2014), *Oblívio* (2016) ou *Cães de Chuva* (2017), todos publicados na Assírio & Alvim, que conquistaram também diferentes prémios. Pelo conjunto da obra, obteve em 2012 o prémio Europa – David Mourão-Ferreira, atribuído pela Universidade de Bari. Com *Passageiro Frequente* (Língua Morta, 2013) foi um dos sete poetas nomeados para o Prémio Europeu da Liberdade, atribuído pela cidade de Gdańsk. Como dramaturgo, publicou as peças *Nenhures*, *Estocolmo* e *Reféns* e o libreto *Still Frank*. É ainda um dos mais relevantes tradutores literários portugueses, dedicando-se a autores como Shakespeare, Milton, Pirandello, Huysmans, Dickens ou Wordsworth. A sua tradução dos *Contos de Cantuária*, de Chaucer, para a editora E-Primatur, recebeu em 2022 o Grande Prémio de Tradução Literária APT/SPA.

António Guerreiro nasceu em Santiago do Cacém, em 1959, e licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas – Português / Francês, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi professor, mas abandonou a docência quando ingressou, em 1989, nos quadros do *Expresso*, onde já então colaborava. É atualmente colunista e crítico literário no *Público*, editor na revista *Electra*, da Fundação EDP, e professor convidado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Publicou o volume de ensaios *O Acento Agudo do Presente* (Cotovia, 2000) e *O Demónio das Imagens. Sobre Aby Warburg* (Língua Morta, 2018). Traduziu escritores franceses e italianos como Bataille, Baudelaire, Gianni Vattimo ou Giorgio Agamben, entre outros. O trabalho de crítica cultural que produz semanalmente para o suplemento cultural *Ipsilon*, do *Público*, não tem equivalente visível na imprensa portuguesa.

O GUARDADOR DE REBANHOS / XXVIII

Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas as flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram coisas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a Deus que as pedras são só pedras,
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza.

Alberto Caeiro
Poesia de Alberto Caeiro,
Assírio & Alvim, 2009
[1.ª publ. in *Athena*, n.º 4, 1925]

SÁB 18 OUT, 18H NOVAS LEITURAS DE ALBERTO CAEIRO

Com António M. Feijó

O ensaísta António M. Feijó, a quem se devem inovadoras e persuasivas contribuições no domínio dos estudos pessoanos, regressou ao heterónimo pessoano Alberto Caeiro para constatar que os seus poemas, “parecendo consistir em afirmações simples e monotamente repetidas, contêm, todavia, contradições desconcertantes que ganham em ser analisadas”. E é isso mesmo que se propõe fazer nesta segunda sessão das *Conversas na Calçada de Serrúbia*.

António M. Feijó licenciou-se em Estudos Anglo-Americanos em 1977, pela Universidade de Lisboa (UL), de que veio a ser vice-reitor e pró-reitor, e da qual é hoje professor emérito, e prosseguiu os seus estudos nos Estados Unidos, tendo concluído em 1979 o mestrado em Literatura Inglesa na State University of New York, em Albany. Em 1985, doutorou-se pela Brown University com uma tese sobre o escritor e pintor inglês Wyndham Lewis. A par dos muitos cargos académicos, ocupou também várias posições públicas fora da universidade, tendo sido presidente do Conselho Geral Independente da RTP entre 2014 e 2018, ano em que integrou, como membro não-executivo, o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, ao qual preside desde 2022. Autor de vários livros e ensaios dedicados a temas literários, traduziu e criou dramaturgias para cena de obras de Shakespeare ou Oscar Wilde e escreveu, a partir de textos de Fernando Pessoa e de três cartas de Ofélia Queirós, a peça *Turismo Infinito*, encenada por Ricardo Pais. Entre as suas obras mais recentes contam-se *Uma Admiração Pastoril pelo Diabo* (Pessoa & Pascoaes), publicado em 2015 pela Imprensa Nacional, e *O Cânone* (Tinta-da-China, 2020), um volume de ensaios críticos sobre um conjunto escolhido de escritores portugueses, que coordenou com Miguel Tamen e João R. Figueiredo.

TODA A VIAGEM

Toda a viagem é diversão
da extensão
que nos separa da terra natal.
Toda a viagem nos dá pequena vantagem
sobre os passos da infância.
Passos sem alcance ou direcção,
sem arbítrio e sem decisão,
passos venturosos, desencaminhados,
dados
entre pavões jocosos e repuxos de cristal.
Toda a viagem é inversão de marcha.

Rui Lage
Estrada Nacional, 2016

SÁB 8 NOV, 18H O CAMPO QUE OS POETAS CANTARAM NUNCA EXISTIU

Com Rui Lage e Álvaro Domingues

O poeta e ensaísta Rui Lage publicou recentemente na Assírio & Alvim uma antologia peculiar. Ao longo de quase 600 páginas, *Adeus, Campos Felizes* mostra-nos como os poetas portugueses de todas as épocas, do século XIII ao presente, cantaram comovidamente o bucólico encanto do mundo rural. Mas depois dos poemas vem um extenso ensaio, no qual o autor acusa os mesmos poetas que acabou de antologiar de nos terem andado a vender um campo idealizado, escondendo a dureza, a brutalidade e a miséria daquele que efetivamente existiu. Quem melhor para conversar com o antologiadador acerca da realidade e das percepções do mundo rural do que o geógrafo Álvaro Domingues, autor de livros como *Vida no Campo*, *Volta a Portugal* ou *Portugal Possível*, este último em coautoria com o próprio Rui Lage e o fotógrafo Duarte Belo?

Rui Lage nasceu no Porto em 1975. Licenciado em Estudos Portugueses e Ingleses pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se doutorou em Culturas e Literaturas Românicas com uma tese sobre a elegia na literatura portuguesa contemporânea, foi investigador e docente em várias instituições, deputado à Assembleia da República pelo PS e assessor no Parlamento Europeu, funções que exerce atualmente. Integra a Assembleia Municipal do Porto e o Conselho Municipal de Cultura e fez parte da direcção da Fundação Eugénio de Andrade de 2001 até à sua extinção em 2011. Em 2023 comissariou a homenagem da Feira do Livro do Porto a Manuel António Pina, a quem dedicara em 2016 um livro de ensaios. Autor de oito livros de poesia, de *Antigo e Primeiro* (Quasi, 2002) a *Firmamento* (Assírio & Alvim, 2022), recebeu em 2017 o Prémio Ruy Belo por *Estrada Nacional*, publicado no ano anterior. A sua estreia no romance com *O Invisível* (Gradiva, 2018) valeu-lhe o Prémio Revelação Agustina Bessa-Luís e o Prémio Autores da SPA. Tradutor de Beckett, Neruda ou Paul Auster, colaborou em vários jornais e é cronista regular do *JN*. Com Jorge Reis-Sá, organizou em 2009 para a Porto Editora a monumental antologia *Poemas Portugueses: Antologia da Poesia Portuguesa do Séc. XIII ao Séc. XXI*.

Álvaro Domingues nasceu em 1959 em Melgaço e doutorou-se em Geografia Humana pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1994. Professor associado da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, onde é também investigador do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, tem centrado a sua atividade nas áreas da Geografia Humana, Paisagem, Urbanismo e Políticas Urbanas. Colaborador regular do *Público*, foi recentemente eleito para a Academia de Ciências de Lisboa. Profundo conhecedor do território português, que tem fotografado exaustivamente, gosta de captar paisagens onde coexistem elementos contraditórios. Uma lógica especialmente presente em *Paisagens Transgénicas*, um projeto que importa da Biologia o conceito de organismo geneticamente modificado e que deu origem, em 2021, a uma exposição digital e a um livro editado pelo Museu da Paisagem, em Lisboa. Entre os muitos livros que publicou contam-se os volumes *Políticas Urbanas I* e *II*, em colaboração com Nuno Portas e João Cabral, que foram editados pela Gulbenkian, *Vida no Campo* (Dafne, 2012), *Volta a Portugal* (Bertrand, 2017), *Paisagem Portuguesa* (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2023) ou *Portugal Possível* (Museu da Paisagem, 2023), com Rui Lage e o fotógrafo Duarte Belo.

ESPERO O GOLPE

Depois da extinção seremos fábula,
holograma, amarga erva
ou musgo, plantas espectrais,
tundra sem clamor ou combustiva
carne, sangue e voz à superfície,
mas os ossos não fundados nem cristãos,
sem um cão que os vigie,
sem um pai que reconheça o rosto
alastrado noutro rosto —
a terra lenta e colossal.

Seremos pasto,
écloga sem canto
de pastores ou de cativos.

Fulvos, brandos, arbustivos,
falando em insonoras águas
por sinais como faíscas,

ou da sombra
disperso, algorítmico pó.

Mas ainda espero o golpe
que me abata as dimensões —
três, arteriais, propícias,
abertas pela frente como um boi.
O golpe em que cintile
o nervo, a flor dos rins desfeita
a pulso e o cálice dos lábios
junto à terra e sem arrumação.

Andreia C. Faria
Canina, Tinta-da-China, 2022

A TORRENTE

A torrente levou tanta terra e pedras
que teve de mudar de sítio
Leonardo da Vinci

I
ela vem
arrebatada
a grande
quantidade
do que cai
ou jorra

rumorejo crepitoso
repentino cavalo
de ritmo irregular

água da montanha
escorrendo
em leito pedregoso
cascalho cascata
caldo obscuro
feito de ângulos

crina farta
aprende-se
com ela
as coisas
sucessivas
arrastadas
na inclinação
árdua

palavra enxurrada
o álveo aberto no declive
ímpeto do exemplo
rompendo pulsante
vindo ela vem

Elisabete Marques
gazetadepoesiainedita.blogs.sapo.pt

MOLEIRO

Nada espero,
menos proclamo.

Guardo
uma fiel certeza
nos meus enganos.

Preso a esta roda,
vejo o trigo correr, amasso
os dias: irremediáveis. Servo
do vento, dos esteios
liberto
e das cidades,

sou quase pedra,
duro pedaço
de pão
encarquilhado.

Que não me aceitem,
não me esperem
à mesa
dos contemporâneos,

prefiro morrer medieval.

Hugo Miguel Santos
Ballarò e Outros Motetos, Cutelo, 2024

ENUBLADO DIZES

[excerto]

[...]
*de dia, e se estiver limpo o tempo
vê-se o cabo espichel ali ao fundo
dizes enquanto a coroa deslizara
e tilintava nos embates do metal
contra as escarpas até repousar
no rebento das ondas que ali imitavam
a brancura das nuvens, longe o ridículo
da queda, aproximada libertação;
a meia altura encontramos os olhos
femininos masculinos ouroboros
lacaio da experiência estendemos a
toalha ao encantamento de à noite
guardar objectos tristes
e secretos na sacola, cosendo as linhas
da potência ao avesso, partilhando
segredos como conchas e desossadas
imagens de futuro, confortáveis pelo
sketch nos tomar por inteiro, ali, alheios
a empreitadas de vate velho ou canónicos
trejeitos de ver passar aves, soltos
enfim da arte comparatista,
existíamos, e na cimalha dessa madrugada
nos resgato para que o citado seja
uma fraterna pergunta, como nos poderíamos
tornar santos num local abrigado?*
[...]

Marcos Foz
Enublado Dizes, Bestiário, 2024

SÁB 20 DEZ, 18H
4 POETAS DE AGORA
APRESENTAM OUTROS 4

Com Andreia C. Faria, Elisabete Marques,
Hugo Miguel Santos e Marcos Foz

Para a última sessão de 2025, convidamos quatro poetas portugueses de agora – Andreia C. Faria, Elisabete Marques, Hugo Miguel Santos e Marcos Foz – a apresentar a obra de outros quatro jovens poetas da sua geração (e predileção). O quarteto de oradores, cujas escolhas só serão conhecidas mais tarde, corresponde ao elenco ao qual a Biblioteca Poética Eugénio de Andrade propôs a construção coletiva de uma antologia da nova geração de poetas portugueses. Um projeto ao qual a Biblioteca servirá de quartel-general e que resultou da convicção de que esta antologia virá suprir uma notória lacuna e constituirá um serviço público para leitores eventualmente desorientados com a diversidade de propostas estéticas que caracteriza a poesia atual, ou que, perante as exíguas tiragens dos livros e a sua limitada distribuição, receiam que lhes possa ter escapado algum poeta essencial. O projeto deverá estar concluído, e já munido da devida lombada, a tempo da Feira do Livro do Porto de 2026.

Elisabete Marques, nascida em 1982, doutorou-se pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com uma tese sobre Maurice Blanchot e Samuel Beckett. Investigadora no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde desenvolve um projeto sobre as relações entre literatura e cinema, vive e ensina em Lisboa. Publicou os livros de poesia *Cisco* (Mariposa Azul, 2014), *Animais de Sangue Frio* (Língua Morta, 2017) e *Estranhos em Casa* (Língua Morta, 2019). É ela a garimpeira digital que alimenta a secção de “pérolas” da revista de poesia online *Jogos Florais*.

Andreia C. Faria nasceu no Porto em 1984. Licenciada em Jornalismo e Ciências da Comunicação e mestre em Estudos Anglo-Americanos (2011) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, trabalhou na histórica livraria portuense Leitura, de Fernando Fernandes, e foi jornalista cultural no *JN*. Estreou-se com *Flúor* (Textura Edições, 2013). Seguiram-se *Um pouco acima do lugar onde melhor se escuta o coração* (Edições Artefacto, 2015) e *Tão Bela Como Qualquer Rapaz* (Língua Morta, 2017), que venceu o Prémio da SPA. Em 2019 reuniu a sua obra poética em *Alegria para o fim do mundo* (Porto Editora, Prémio Fundação Inês de Castro). Mais recentemente publicou o conjunto de prosas *Clavicórdio* (Língua Morta, 2020), *Canina* (Tinta-da-China, 2022), que ganhou o Prémio PEN Clube Português de Poesia e o Prémio Correntes d'Escritas, e um novo livro em prosa: *Canto do Aumento* (Sr Teste, 2024).

Marcos Foz nasceu em 1994, diz que “atravessou” os cursos de Relações Internacionais e Ciências da Comunicação, e é livreiro em Lisboa. Publicou três livros de poesia: *Arca e Usura* (Edição de autor, 2019), *Vaca Preta* (Bestiário e Livraria Snob, 2021), um dos livros mais radicalmente experimentais da poesia portuguesa dos últimos anos, e o mais recente *Enublado Dizes* (Bestiário, 2024), novamente marcado pela alternância de verso e prosa e que, como o anterior, é constituído de um só poema.

Hugo Miguel Santos nasceu em Viana do Castelo, em 1995, e estudou Filosofia nas universidades do Porto e de Milão. Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Universidade do Porto, é atualmente doutorando no Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi livreiro na Livraria Térmita, no Porto. Publicou os livros de poesia *Prelúdio e Fuga em Português Suave* (Fresca, 2022) e *Ballarò e Outros Motetos*. Organizou a antologia de poesia argentina *Por Alguma Razão* e traduziu livros de poemas de A.E. Housman, Anxo Pastor e Reynaldo García Blanco.

BIBLIOTECA POÉTICA EUGÉNIO DE ANDRADE

Nas estantes da Biblioteca Poética Eugénio de Andrade encontram-se obras que marcaram a escrita do poeta, desde a poesia da Antiguidade Grega e Latina (Safo, Homero, Virgílio) e a tradição trovadoresca medieval, especialmente os Cancioneiros galaico-portugueses, até aos grandes poetas renascentistas portugueses, como Gil Vicente, Garcia de Resende, Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro.

O espaço literário integra ainda autores das escolas romântica, simbolista, decadentista e saudosista, entre os quais Almeida Garrett, Cesário Verde, António Nobre e Antero de Quental. A riqueza da coleção é ampliada pela presença de poetas franceses, alemães, ingleses e norte-americanos — Verlaine, Rimbaud, Baudelaire, Rilke, Whitman ou Melville — em diálogo com figuras incontornáveis da literatura portuguesa do século XX, como Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Mário Cesariny ou Ruy Belo.

Importa destacar uma amostra considerável de poesia portuguesa do século XXI, que reflete o pulso da atual criação poética em Portugal.

A Biblioteca Poética Eugénio de Andrade, a primeira no Porto exclusivamente dedicada a essa expressão máxima da língua que é a poesia, convida leitores e estudiosos a desfrutarem deste novo equipamento, cujas luminosas salas de leitura com vista para o mar constituem o cenário ideal para inspiradas travessias pelas obras de poetas do passado e do presente. Além da consulta local, será também permitido o empréstimo domiciliário de múltiplos títulos.

HORÁRIO

Terça-feira—Sábado
10H—18H

ENDEREÇO

Rua do Passeio Alegre n.º 584
4150-677 Porto

MUNICÍPIO DO PORTO

Presidente da Câmara Municipal do Porto
RUI MOREIRA

Diretora Municipal de Cultura e Património
Diretora do Museu e Bibliotecas do Porto
ALEXANDRA CERVEIRA LIMA

Diretor do Departamento Municipal de Gestão
do Património Cultural
MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Chefe da Divisão Municipal de Bibliotecas
SÍLVIA MACEDO FARIA

Chefe da Divisão Municipal de Museus
MARIANA JACOB TEIXEIRA

Chefe da Divisão Municipal de Arquivo Histórico
DANIELA TEIXEIRA FERNANDES

Gabinete de Apoio às Bibliotecas e à Leitura
SÍLVIA ALMEIDA

Gabinete de Apoio à Gestão da Coleção
e Tratamento Técnico
CARLA AZEVEDO

Gabinete de Apoio à Programação e Mediação
RITA LOBO GUIMARÃES

Diretora do Departamento Municipal de
Comunicação e Promoção
ISABEL MOREIRA DA SILVA

Consultor
JOSÉ GUERRA

Programação
LUÍS MIGUEL QUEIRÓS

Promoção e Mediação da Leitura
ADELAIDE SILVA
CARLA TEIXEIRA

Apoio à Produção
ALBERTO TEIXEIRA
ANA MOTA
ANITA MAGALHÃES
CAROLINA BARATA
CLÁUDIA FRAGA
FÁBIO SILVA
JOANA GUERREIRO
JOAQUIM NOGUEIRA
MADALENA OLIVEIRA
MANUELA OLIVEIRA
MARLENE ROCHA
NORMA POTT
PAULA MONTEIRO
PAULO LEBREIRO
RUI SANTOS
SANDRA RIBEIRO
STEVE FRANÇA

Contratação
EDUARDA PAIVA
MAURO MOREIRA

Edição
BRUNO PEREIRA
JOANA ALVES-FERREIRA

Apoio à Edição
ISABEL BABO

Comunicação
GEORGINA CARNEIRO
PATRÍCIA BRÁS

Design Gráfico
LUÍS CEPA

Fotografia e Tratamento de Imagem Digital
ANTÓNIO ALVES

Impressão
ORGAL IMPRESSORES

Intervenção no Edifício
DOMUS SOCIAL, E.M.

Agradecimentos
**O MUSEU E BIBLIOTECAS DO PORTO agradece a todos
aqueles que colaboraram na realização deste projeto.**

**BIBLIOTECA
ERRANTE ↙
BIBLIOTECA POÉTICA
EUGÉNIO DE ANDRADE**

**MUSEU E
BIBLIOTECAS
DO PORTO**

Porto.